

Para um Programa de Estudo do Neolítico em Portugal

VICTOR DOS SANTOS GONÇALVES ¹

RESUMEN: El autor presenta, en líneas generales, los principales problemas de análisis del Neolítico en Portugal. Problemas que sólo en algunos casos son exclusivos del territorio portugués, ya que la mayor parte de ellos están ligados a la compleja evolución global del Neolítico en el Mediterráneo occidental.

A continuación va a referirse a las propias dificultades intrínsecas para la definición de un concepto de Neolítico, e indica la escasez de información que todavía hoy existe a propósito del Neolítico portugués. Cita como ejemplo de las distorsiones provocadas por esta situación el caso de la cerámica cardial, escasa en el Neolítico antiguo portugués, donde abunda la cerámica incisa e impresa no cardial.

En lo que se refiere al Neolítico antiguo, señala las principales estaciones encontradas hasta hoy en Portugal y alude más ampliamente a propósito de una, inédita el abrigo «das Bocas» (Rio Maior).

A continuación, analiza las perspectivas con que se tendrá que abordar el fenómeno megalítico, planteando diversos problemas y enumerando las posibles acepciones para la palabra.

Igualmente se refiere a la relación entre las inhumaciones en tres grutas localizadas en la región de Alcanena (la «Gruta dos Carrascos», la «Lapa da Galinha» y la «Gruta da Marmota») y una de las fases del megalitismo coincidente con el Neolítico medio.

Sin embargo, como subraya el autor, únicamente un trabajo pluridisciplinar y de equipo podrá contribuir para obtener soluciones positivas a este problema.

SUMMARY: The Author presents an outline of the main problems of the analysis of the Neolithic in Portugal. Problems that only in certain cases are exclusively found in Portuguese territory, since most of them are connected with the global evolution of the Neolithic in the Western Mediterranean. He refers the difficulties to found a definition for the concept of Neolithic and he points out the shortage of information that still exists today about the Portuguese Neolithic, and points out, as an example of the distortions due to this situation, the case of the cardium impressed pottery contrary to what has been said, there exists the preponderance of the incised and other impressed pottery in what concerns the Early Neolithic.

For this very period (Early Neolithic) he points out the main archeological sites found even today in Portugal, making wider considerations about one, unpublished, the rock-shelter 1 of «Bocas» (Rio Maior).

Then he analyses the points of view for the approach of the case of the Megalithic, asking some questions and giving the possible meanings to the word.

¹ Professor de *Civilizações Pré-Clássicas e Neolitização do Mediterrâneo Ocidental* no Departamento de História da Faculdade de Letras de Lisboa, onde é Assistente. Bolseiro do Instituto Nacional de Investigação Científica. En-

dereço: Centro de História das Universidades de Lisboa, Faculdade de Letras, Lisboa 4, Portugal. (Fotografias do A., desenhos da dr.^a Maria Maia, de Ana dos Santos Gonçalves e do A.).

He also refers to the connection between the burial places in three caves found in the area of Alcanena (the cave of the *Carrascos*, the *Lapa da Galinha* and the cave of *Marrôta*) and one of the phases of the megalithism overlapping with the Middle Neolithic.

However, as the Author underlines, only pluridisciplinary and team work could help in a decisive step to resolve this problem.

0. O presente texto enumera algumas das perspectivas e problemas que surgiram ao seu autor durante a fase preparatória de uma tese de doutoramento sobre a neolitização do Centro-Sul de Portugal.

Investigam-se nesse trabalho, em preparação, as comunidades «indígenas», mesolíticas, as consequências da introdução de factores «de inovação» sobre essas sociedades abertas, a sua caracterização tipológica, e as grandes manchas (étnicas? culturais?) que correspondem aos artesãos da cerâmica lisa dos construtores de megálitos.

Por um lado, definem-se os grupos costeiros e as linhas de penetração através das grandes bacias fluviais, por outro, procura-se a identificação dos grupos megalíticos que, prosseguindo a sua evolução no território hoje português, em zonas determinadas, se especificaram e individualizaram. Trata-se, portando, de uma primeira aproximação de carácter geral, que deverá posseguir com análises mais circunscritas, procurando compreender a estratégia do povoamento integrada nas infraestruturas económicas em movimento e a evolução das superestruturas que as enquadram.

1. Se a palavra *programa*, compreensivelmente desvalorizada pelo uso excessivo que dela se tem feito, dispensa, no entanto, explicitação, tal não acontece já com essa outra, *neolítico*. Daí o interesse em procurar clarificar o conceito, antes do restante.

Há algum tempo, defini Pré-História como «um campo transdisciplinar que visa especificamente a reconstrução das estruturas sociais, do 'funcionamento' e da transformação das comunidades humanas sem escrita, reconstrução baseada exclusivamente em dados materiais em associação, e o seu correcto posicionamento em função de estruturas ambientais (humanas e não humanas) que determinam, se integram ou intervêm no seu processo evolutivo»². Ora que tipo de periodização pode corres-

ponder a esta definição? De modo nenhum uma periodização «culturalista», ainda menos uma puramente tipológica. Mas, sem dúvida, a conjugação de ambos os critérios, uma vez definida a sua complementaridade.

Duas linhas de caracterização emergem, portanto, nesta linha. Uma, *socio-económica*, utilizará como traços definidores a domesticação dos animais, a horticultura, a agricultura de sequeiro ou regadio (o que corresponde à *domesticação* progressiva das plantas) e, finalmente, a estabilização do povoamento e a sua consequente densificação.

A definição de economias de produção e dos seus protótipos é, a nível da estrutura da sociedade, o critério mais correcto para isolar a clivagem e/ou transição das últimas comunidades recolectoras para novos modelos de organização económica, social e, a nível do superestrutural, de mentalidade. Só que, em arqueologia de campo, esta unidade é demasiado ampla e exige subdivisões de diferentes tipos, que acompanhem as leituras estratigráficas. Esta segunda linha de caracterização, *estratigráfica*, assenta (a) numa periodização específica de cada lugar (b) numa sùmula, normalizada, de estratigrafias, organizadas em períodos de natureza técnica.

Nesta perspectiva se deverá organizar o trabalho de pesquisa da natureza e evolução do Neolítico em Portugal. Um exemplo da desconexão dos meios escolares e de investigação portugueses, neste domínio, está na interpretação do fenómeno cardial.

Os estudos antigos de San Valero Aparisi, e outros mais recentes de autores espanhóis e franceses, conduziram por vezes a uma sobrevalorização injustificada do cardial.

Quando, em vista do meu trabalho, iniciei a revisão dos materiais neolíticos portugueses, verifiquei, com certa surpresa, que, ao contrário do que habitualmente se afirma, a cerâmica com impressões de *cardium* é bastante rara entre nós, fornecendo a sua grande dispersão (ver fig. 1, n.º 1, 3, 5 e 10)

² V. Gordon Childe e a recuperação do Passado, estudo introdutório à edição portuguesa do *Piecing Together the*

Past de V. Gordon Childe, Livraria Bertrand, Lisboa, 1976, p. 19.

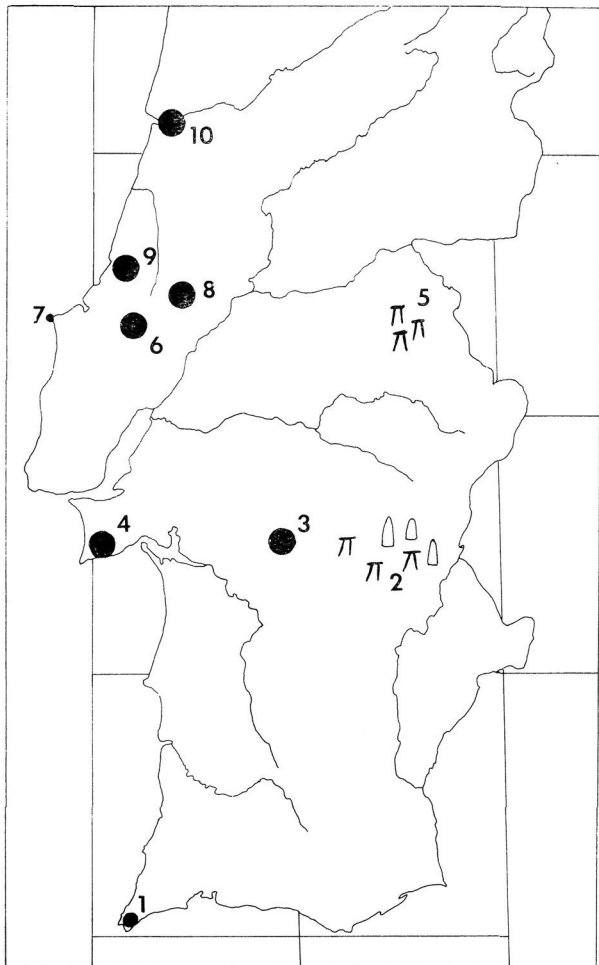


FIG. 1. Principais estações e grupos de estações referidos no texto: 1. Acampamento da Ponta de Sagres (Neolítico Antigo); 2. Grupo dolmênico Évora/Reguengos (antas, menhires isolados, cromlechs; Neolítico Antigo —?—, Médio e Final); 3. Santiago do Escoural (Neolítico Antigo e Médio); 4. Lapa do Fumo, camada vermelha (Neolítico Médio); 5. Grupo dolmênico Crato/Nisa (Neolítico Médio); 6. Abrigo e povoados das Bocas, Rio Maior (Neolítico Antigo); 7. Gruta da Furninha (Neolítico Antigo); 8. Grutas da Marmota, Galinha e Carrascos (Neolítico Médio); 9. Grutas de Alcobaça (Neolítico Antigo); 10. Acampamentos do Neolítico Antigo da região da Figueira da Foz. Não se cartografaram estações importantes mas sobre as quais não se possuem elementos seguros, estando algumas ainda inéditas. É o caso de sítios da região de Sines, do Bombarral, da gruta das Salamandras, e, por razões diversas, da gruta da nascente do rio Almonda

³ Os recipientes foram reconstituídos e tratados no laboratório do Museu Nacional de Arqueologia, após autorização telefónica de M. Farinha dos Santos, director das escavações na Gruta e *tholos* do Escoural, o que se agradece. O contexto de tais recipientes, ainda inéditos, é parcialmente esclarecido no artigo de M. Farinha dos Santos, *A cerâmica cardial da Gruta do Escoural*, Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia, Coimbra, 1971, pp. 93-95,

uma falsa imagem de *intensidade de presença*. É que, trabalhando sobre materiais não estratigrafados e sem perspectivação estatística, corre-se o risco de, na melhor das hipóteses, falar com imprecisão e, na pior e provavelmente com maior frequência até, elaborar panorâmicas simplistas, deturpadas ou optimistas.

Assim, o acampamento da Ponta de Sagres forneceu os materiais cerâmicos cardiais mais numerosos do nosso território (e a verdade é que não parecem ser muitos). Santiago do Escoural forneceu alguns pequenos fragmentos e os restos de dois magníficos recipientes (ver fig. 3 e fig. 2, n.º 1, 2 e 3), aliás completamente desprovidos de contexto cerâmico conhecido³.

O vaso de Santarém (ver fig. 4, n.º 1 e 2) surgiu isolado. No riquíssimo nível 2 do Abrigo 1 das Bocas (Rio Maior) apenas se identificou 1 fragmento cardial (ver fig. 5, n.º 8). Mesmo no grupo de estações da Figueira da Foz, os fragmentos considerados como cardiais encontram-se dispersos por acampamentos de Neolítico Antigo (Junqueira, Várzea do Lírio, Forno da Cal) sem que atinjam um número convincente.

Tudo isto implica a revisão do problema —em curso— só possível numa constante ligação do trabalho de campo à formação teórica indispensável para a construção de metodologias eficazes.

2. O NEOLÍTICO EM PORTUGAL: QUESTÕES GERAIS

O neolítico em Portugal, pode dizer-se, nunca teve existência legítima e independente. Tal se reflecte, inclusivamente, a nível da terminologia, em que expressões absurdas como *neo-eneolítico* e *eneolítico* transcrevem, na sua origem, uma completa ignorância dos níveis prévios de reflexão que deveriam anteceder a outorga de tais «títulos».

Não viram os autores da notícia sobre a Gruta

onde se aponta a associação de fragmentos com impressões cardiais a micrólitos (trapézios) em número não referido. À excepção do n.º 4 da Estampa I do artigo citado, morfológicamente muito semelhante a um dos fragmentos que usámos na reconstituição de um dos vasos (fig. 3, n.º 2) trata-se de fragmentos que não permitem a recuperação do perfil do recipiente a que pertenceram.

da nascente do rio Almonda ⁴ o que, quarenta e sete anos antes, Vieira Natividade não pudera, compreensivelmente, entender. E que, aliás, não estava ausente dos textos pioneiros de A. Santos Rocha ⁵, descobridor dos acampamentos neolíticos da Figueira e de tantas outras estações.

Desta forma, em 1977, ignora-se ainda a verdadeira extensão e as incidências do neolítico em Portugal, estado de coisas para o qual muito contribuiu o falecido Manuel Heleno, ao escavar dezenas de estações, deixando apenas sumariíssimo caderno de campo de duas delas. Leia-se o seu «testamento arqueológico» ⁶ e far-se-á (pálida) ideia das graves lacunas que permanecerão no nosso registo.

Abandonando-se os critérios clássicos, utiliza-se aqui três designações (com equivalências a estabelecer).

1. NEOLÍTICO ANTIGO - abrange as estações com cerâmica incisa «de grutas» e impressa (estações típicas: Ponta de Sagres, Sines, Grutas de Alcobça e, sobretudo, *nível 2 do Abrigo 1 das Bocas [Rio Maior]*) e as primeiras manifestações do dolmenismo.

2. NEOLÍTICO MÉDIO - inclui o apogeu do período megalítico (enterramentos em grutas: Marmota, Galinha, Carrascos, Camada Vermelha da Lapa do Fumo; grupos megalíticos de Crato/Nisa e Évora/Reguengos).

3. NEOLÍTICO FINAL - transição para o Calcolítico, assinalada pelo arranque e distanciamento cultural das comunidades das Penínsulas de Lisboa e Setúbal em relação ao seu contexto, dolménico de origem.

Tais designações necessitam de cronologias absolutas. O que hoje se conseguiu nesse domínio é exposto e criticado no ponto 7. Infelizmente, as es-

tratigrafias que forneceriam a definição complementar estão ausentes e os casos recentes das Salemas, da Gruta das Salamandras (Loures), Lapa de Suão, Gruta das Pulgas (Bombarral), Escoural ou Ponta de Sagres, em muito pouco têm contribuído para uma melhoria desta situação.

3. O NEOLÍTICO ANTIGO

Podemos estabelecer diferentes categorias a nível da informação de que podemos dispor sobre o Neolítico Antigo em Portugal. Tais categorias referem-se, em primeiro lugar, à própria natureza das estações ou das circunstâncias dos achados. São categorias que permitem ordenar os materiais e pouco mais mas que dão uma certa ordem ao conjunto: (1) achados dispersos (2) estações isoladas (3) grupos de estações. Falaremos apenas de algumas delas.

1. Materiais dispersos são, sem dúvida, os dois vasos, de Santarém e do Cartaxo, um no Museu Nacional de Arqueologia, outro na Associação dos Arqueólogos Portugueses, já publicados ⁷. Mas certas peças referenciadas geralmente fora do seu contexto terão, por enquanto, de ser incluídas, ainda que provisoriamente, nesta categoria. Refiro-me concretamente ao vaso da Furninha e ao vaso da Senhora da Luz ⁸. Todos estes recipientes são tipologicamente integráveis no Neolítico Antigo mas uma certeza só será possível após publicação dos seus contextos.

2. Estações com materiais do Neolítico Antigo são habitualmente citadas em condições bastante criticáveis. É o que se passa com a estação *cardial* da Ponta de Sagres, cuja notícia preliminar ⁹ nem sequer aponta uma localização precisa, já para não falarmos em coordenadas geográficas ou militares.

⁴ A. DO PAÇO; M. VAULTIER; G. ZBYZEWSKI: *Gruta da Nascente do Rio Almonda*, Trabalhos de Antropologia e Etnologia, XI, Porto, 1947, pp. 171-187, onde se publicam materiais claramente neolíticos sob a designação de «Bronze I».

⁵ Nomeadamente. *Antiguidades Prehistoricas do Concelho da Figueira*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1.^a Parte, 1888, 2.^a Parte, 1891, 3.^a Parte, 1895, 4.^a Parte, 1900.

⁶ MANUEL HELENO: *Um quarto de século de investigação arqueológica*, Arqueólogo Português, II Série, vol. III, Lisboa, 1956.

⁷ Ver, de JEAN GUILAINE e O. V. FERREIRA: *Le néo-*

lithique ancien au Portugal, Bulletin de la Société Préhistorique Française, 67, 1970, pp. 304-322. Nomeadamente as figs. e texto correspondentes.

⁸ Sobre a Furninha: J. F. NERY DELGADO: *La grotte de Furninha à Peniche*, Congrès Internationale d'Anthropologie préhistorique, Lisboa, 1880, pp. 207-278. Sobre o Vaso de Senhora da Luz: *A propósito de dois vasos neolíticos*, trabalho a publicar brevemente.

⁹ Se assim podemos chamar ao artigo de VEIGA FERREIRA: *A estação com cerâmica cardial da Ponta de Sagres*, Arqueologia e História, 9.^a Série, Lisboa, 1970, pp. 347-359.

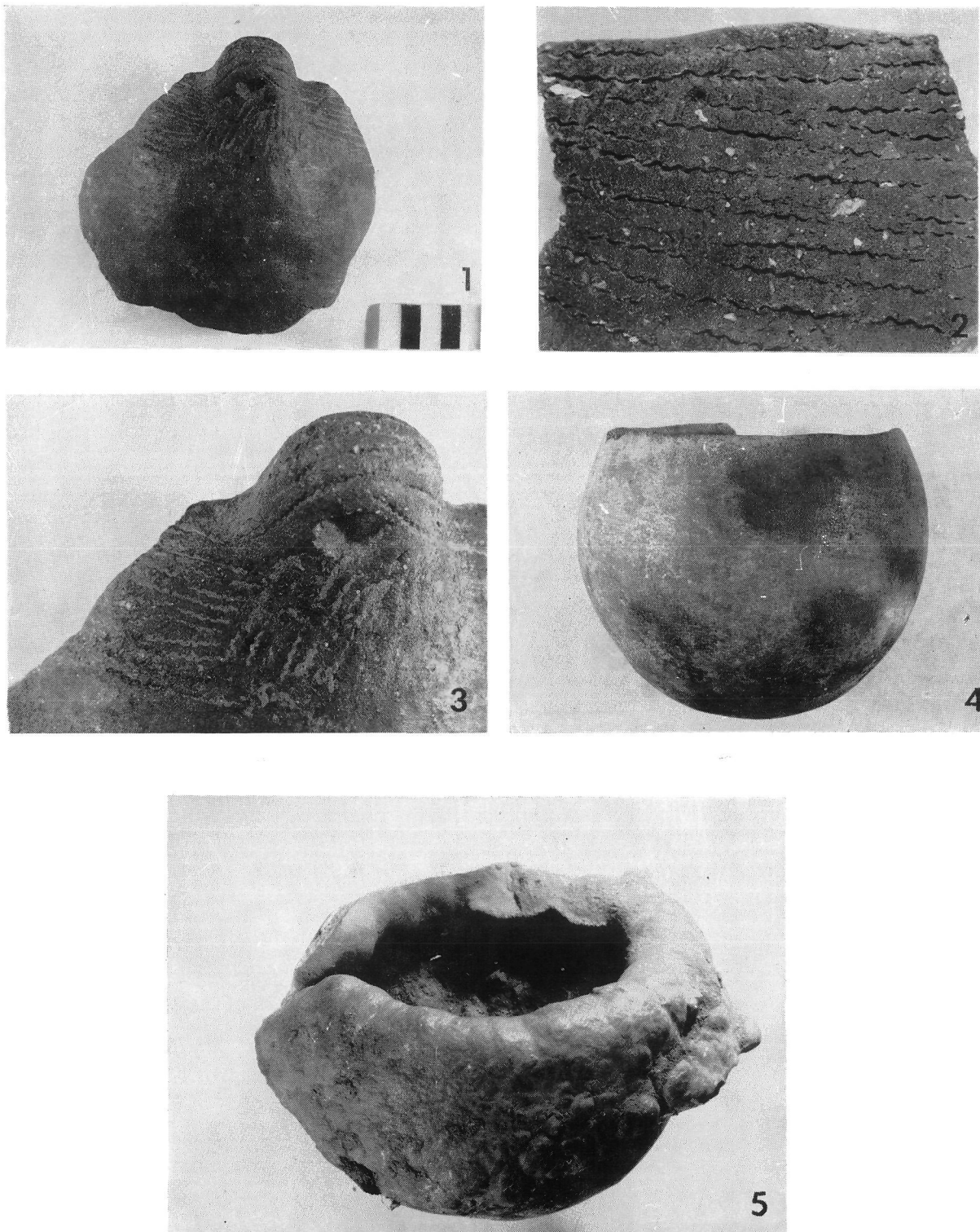


FIG. 2. Cerâmicas neolíticas de Santiago do Escoural: 1. Fragmento de recipiente decorado com impressões de cardium; 2. Outro fragmento com impressões; 3. Pormenor do recipiente 1; 4. Vaso com almagre; 5. Vaso coberto de concreções calcárias.

Outro é o caso de Santiago do Escoural, gruta com pinturas do Paleolítico Superior final (ou do Epipaleolítico?) cujos magníficos materiais neolíticos exigem publicação imediata. Uma rica indústria lítica, que inclui geométricos e pedra polida, é acompanhada por cerâmica cardial e, noutros sectores, por outra, lisa, que aponta já as tipologias das mais antigas culturas megalíticas (ver fig. 2, núms. 1, 2, 4, 5). Artefactos muito raros, como as *maças* (ou pesos para paus de revirar a terra?), de evidente carácter votivo, surgem aparentemente associadas a outras oferendas não menos curiosas como as placas de grés ou as conchas de *pecten*.

tereí apenas sobre os artefactos das Bocas, cujo estudo se encontra mais avançado.

O Abrigo I (ou Abrigo Grande das Bocas) foi, tal como os povoados anexos, escavado por ordem de Manuel Heleno, que viria a ser director da Faculdade de Letras de Lisboa e do Museu Etnológico dr. Leite de Vasconcellos, hoje Museu Nacional de Arqueologia. Foi o Abrigo integralmente escavado, por infelicidade nossa, mas nunca publicado pelo que os materiais se conservavam inéditos no Museu. Referem-se a, pelo menos, cinco estratos bem diferenciados. Interessam-nos, particularmente, dois. Um com materiais muito provavelmente me-

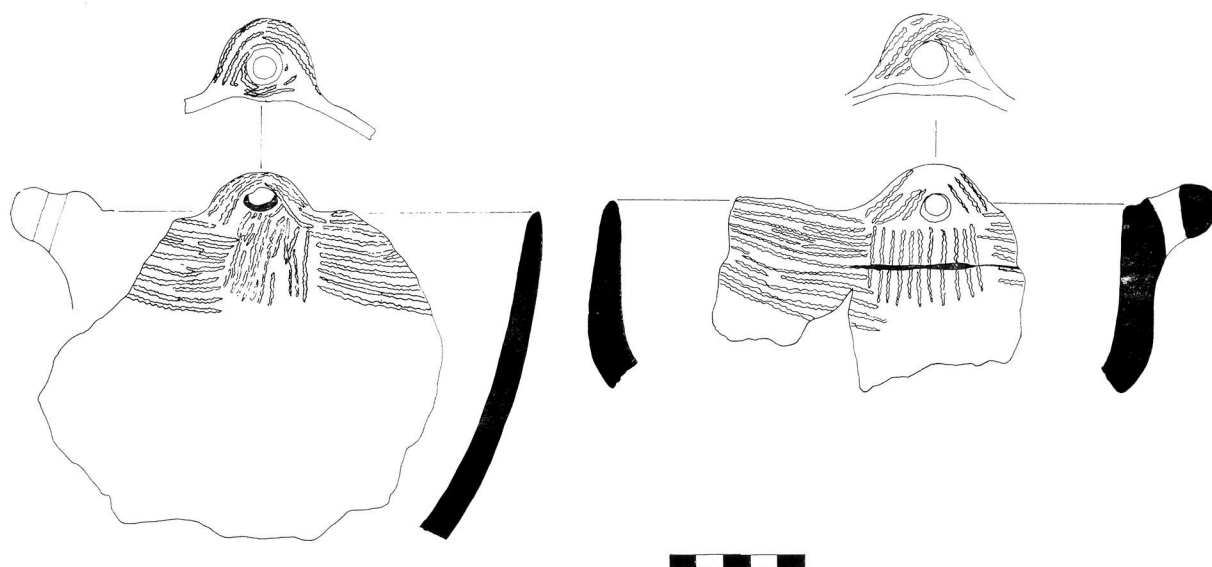


FIG. 3. Dois vasos com decoração cardial de Santiago do Escoural (foram recentemente reconstituídos a partir de fragmentos dispersos). O vaso da direita integra o fragmento da fig. 2, n.º 2.

3. Estações agrupadas regionalmente, conhecem-se diversas. Os grupos hoje bem definidos são os

- de Sines
- do abrigo e povoados das Bocas (Rio Maior)
- das grutas de Alcobaça
- dos acampamentos da região da Figueira da Foz.

Sines está neste momento em estudo, Alcobaça será em breve objecto de uma revisão (tal como as estações da Figueira da Foz) peio que aqui me de-

solíticos, outro —o nível 2— de um Neolítico Antigo rico em cerâmica incisa e impressa (não cardial), geométricos e indústrias micro-laminares. Um nível mais recente contém excelentes objectos das Idades do Bronze e do Ferro, incluída cerâmica de «punto y raya» e de «retícula bruñida».

O povoado designado habitualmente por Alto das Bocas parece representar uma fase ligeiramente mais avançada, dentro do Neolítico, que o nível 2 do Abrigo. Com efeito, se os geométricos e as indústrias micro-laminares estão representadas em ambos, a cerâmica do povoado regista uma maior

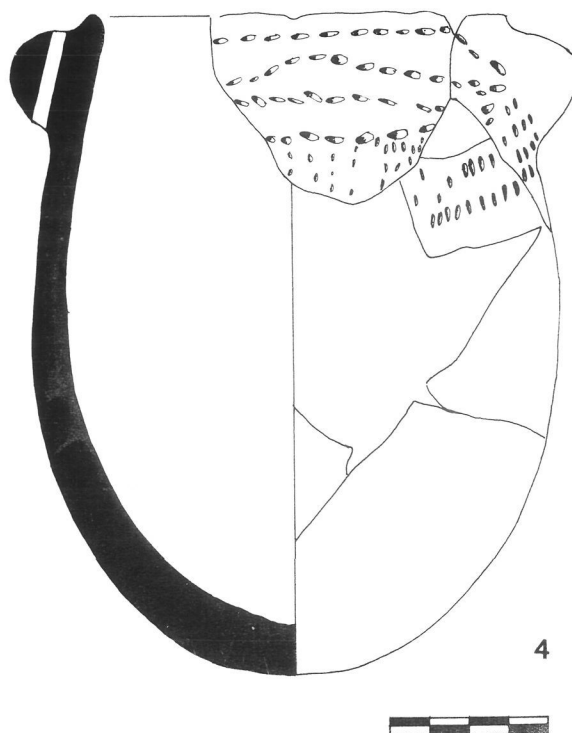
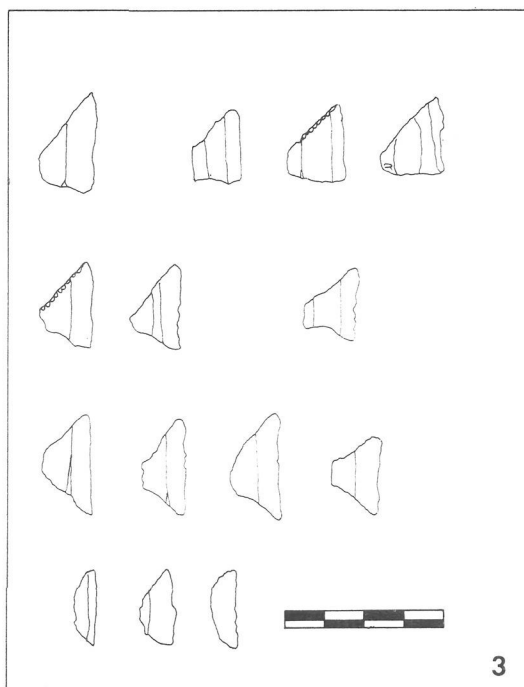
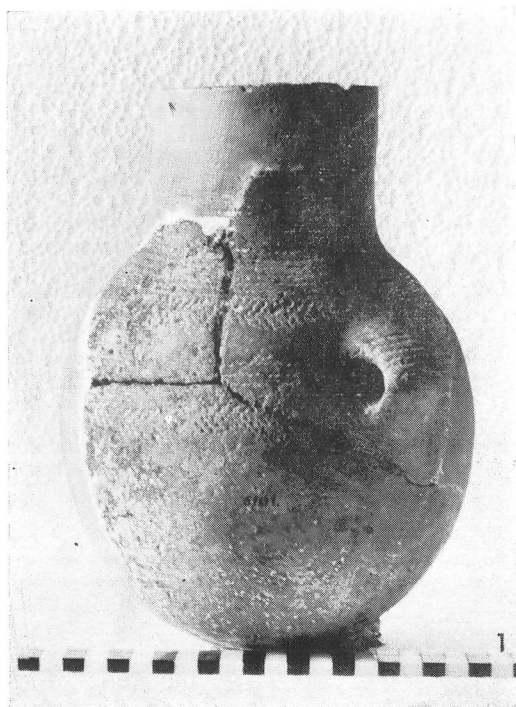


FIG. 4. 1. Vaso cardial proveniente da região de Santarém; 2. Pormenor da asa do vaso anterior; 3. Geométricos do povoado das Bocas; 4. Vaso do nível 2 do Abrigo 1 das Bocas (sector 2W).

variedade de padrões decorativos. Em comum, formas assimiláveis aos famosos «vasos em forma de sacco» cuja localização cronológica não oferece grandes dúvidas após os achados de Los Murciélagos e do Sul de Espanha.

Na fig. 4, núms. 3 e 4 e fig. 5 apresentam-se alguns exemplares inéditos deste nível.

Em Bocas I, nível 2, são abundantes os moventes, indicadores directos da existência de mós e, indirectos, do cultivo de cereais ou do uso da bolota. Os restos de fauna indicam a captura de cervídeos, bovídeos, e, significativamente, *cardium edule*, *patella*, *solen*, *mytilus*, indicadores das relações que o grupo mantinha com o seu meio imediato e longínquo.

Curiosamente, a utensilagem de osso é pobre e rara.

A importância do estudo do complexo arqueológico das Bocas para a compreensão da neolitização de Portugal e do carácter mediterrânico que defendo para o Neolítico em Portugal levam-me a incluir entre a lista de prioridades o estudo do epipaleolítico ou mesolítico regionais e da sobrevivência dos seus principais tipos de artefactos em períodos subsequentes de modo a estabelecerem-se as linhas «de inovação» e as linhas «de evolução» que marcam o estabelecimento do neolítico.

A coexistência, se bem que em diferentes níveis estatísticos, de crescentes, triângulos e trapézios faz-nos crer que estamos perante comunidades mesolíticas (e não epipaleolíticas), à semelhança do que acontece no Vale do Sado, e cuja origem não seria descabido procurar nas fases mais antigas de Muge e na chegada de grupos migradores, portadores de cerâmica e da agricultura dos cereais.

Nesta perspectiva, o estudo integral do nível 2 do Abrigo 1 das Bocas e novas escavações nos povoados são os primeiros passos a dar para uma completa revisão do problema.

4. NEOLÍTICO ANTIGO «DE GRUTAS» E NEOLÍTICO «CARDIAL»

Uma questão permanece em aberto: a diferenciação do neolítico antigo «de grutas» (a cultura «de las cuevas» de Bosch Gimpera) do neolítico «com

cerâmica cardial». Disse-se já da escassez da cerâmica impressa cardial no território hoje português. Assim sendo, esta diferenciação parece seriamente comprometida.

Na verdade, tudo funciona como se a cerâmica cardial fosse um elemento intrusivo, e, logicamente, estatisticamente não dominante, em contextos onde a predominância cabe, folgadoamente, à cerâmica incisa e impressa não-cardial. Esta cerâmica, ilustrada na fig. 4, n.º 4, e na fig. 5, n.º 2, 3, 5, 6, aparece ligada a outro tipo em que as impressões usadas na decoração só muito raramente são cardiais. Trata-se de unguiações simples ou duplas, de círculos impressos com o auxílio de um caule de gramínea, etc. Neste contexto surge também uma cerâmica bem conhecida no Mediterrâneo Ocidental, a que é decorada por aplicação de cordões plásticos (ver fig. 5, n.º 7).

O neolítico antigo «de grutas» de Portugal parece, portanto, ser em tudo idêntico ao dos acampamentos costeiros como os da Ponta de Sagres, Sines, Figueira da Foz.

Como considerarmos, então, a presença de cerâmicas cardiais, uma vez que o facto de serem minoritárias não exclui a sua importância?

A única resposta possível parece ser a aceitação da proposta implícita nos trabalhos de Jean Guilaine e de outros investigadores franceses¹⁰. Falar-se-ia, nesta linha, de um grupo de cerâmicas impressas (e incisadas) em que as cardiais seriam apenas um dos componentes, importante em maior ou menor grau, de acordo com a sua incidência regional, mas não indispensáveis ou exclusivamente patognomónicas, de neolítico antigo. Tal parece ser a lição possível de extrair dos materiais portugueses, pelo menos no estado actual de seu conhecimento.

5. O MEGALITISMO: QUE LUGAR NO NEOLÍTICO?

Por estranho que pareça, esta é, sobretudo, uma questão de ordem teórica e o encontrar de uma resposta depende, em grande parte, da definição prévia que escolhermos para «neolítico». Como vimos já, o conceito socio-económico é uma unidade ampla que exige subdivisões técnicas para uma indis-

¹⁰ Admiravelmente resumidos em *Premiers bergers et paysans de l'Occident Méditerranéen*, Paris, Mouton, 1976. A este respeito ver também de Barbara Bender, *Farming in*

Prehistory, Londres, John Baker, 1975 e o breve estudo de PATRICIA PHILLIPS: *Early farmers of west Mediterranean Europe*, Londres, Hutchinson University Library, 1975.

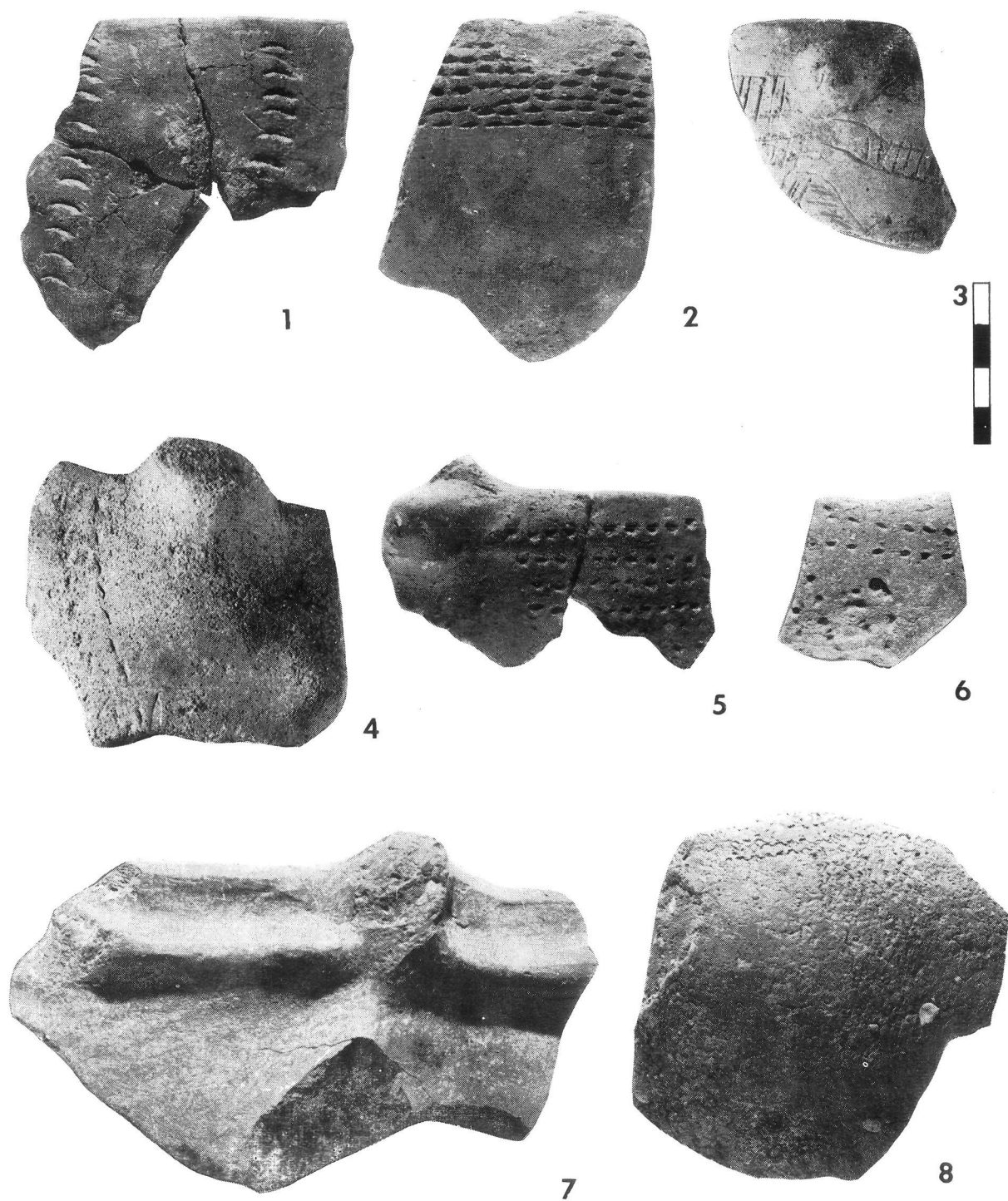


FIG. 5. Cerâmica do nível 2 do Abrigo 1 das Bocas: com impressões de unhas (nos. 1 e 4); com incisões (nos. 2, 3, 5, 6); com impressões de cardium (n.º 8); com aplicação de cordões (n.º 7). O n.º 1 foi revestido a almagre antes de ungulado

pensável leitura «fina», que transcreva a estratigrafia. Infelizmente, entre nós, escavar dolmens tem sido actividade de domingo, ou na melhor das hipóteses, de fim-de-semana, pelo que não dispomos hoje de elementos seguros, afora os tipológicos. Mas a completa ausência de metal verificada na maior parte deles torna segura a convicção de que o aparecimento e o apogeu das culturas dolménicas decorre em períodos largamente pré-metálicos. Assim sendo, duas grandes tradições parecem chocar-se no Neolítico português: a da cerâmica lisa, dolménica, e a da cerâmica impressa e incisa das grutas e abrigos da Península de Lisboa, dos povoados de Sines e do Algarve, dos acampamentos da Figueira da Foz. Pensou-se, inicialmente, em explicar este fenómeno por fortes diversificações étnicas, ou, mesmo, por claras delimitações de «fronteiras».

Não creio que seja esta a resposta mais adequada: o megalitismo é, mais que o traço distintivo de um povo diferenciado, uma prática que se generaliza a toda a fachada atlântica. O megalitismo sucede-se áquilo que podemos chamar, *grosso modo*, de primeiras fases do Neolítico Antigo, constituindo, num dado momento, a passagem deste para o Neolítico Médio, possivelmente definida pela cerâmica «a almagre» e pela generalização de placa de xisto com decorações geométricas.

Teríamos, portanto, uma primeira fase do megalitismo coincidente com o final das primeiras culturas com cerâmica. Uma segunda fase assistiria à generalização do megalitismo a todo o espaço hoje português (Marmota, camada vermelha da Lapa do Fumo, Crato) e a terceira assistiria à retracção do megalitismo perante as ricas culturas do Neolítico final, já com artefactos de cobre, da Península de Lisboa (primeiras fases da ocupação de Vila Nova de S. Pedro, Zambujal, Pedra do Ouro e Rotura IIb).

Hipótese de trabalho que as cronologias parecem apoiar.

Questões permanecem, porém, em aberto e a sua análise pontual, em curso, poderá fornecer algumas respostas inesperadas:

1. Qual o momento em que à prática megalítica se acrescenta o rito da deposição, junto ao morto, da placa de xisto gravada?

2. Neste sentido, qual a importância de Anta Grande do Zambujeiro onde a um nível sem placas se sucede outro em que o seu uso é generalizado?

3. Qual a relação entre as placas de grés da Marmota, da Galinha, dos dólmens do Crato, do Escoural, e as placas de xisto gravadas?

4. Qual a evolução das estruturas megalíticas?

5. Qual a relação entre o megalitismo, enquanto conjunto de mitos, ritos e práticas simbólicas, e os grupos diferenciados que durante o Neolítico evoluíram no espaço português?

6. Qual a relação entre os últimos construtores de megálitos e as populações calcíticas em geral, «campaniformes» em particular?

Sejam quais forem as respostas encontradas para questões como estas, um ponto é firme: elas só poderão decorrer de escavações correctamente registadas e orientadas por princípio bem diferentes das que têm sido seguidas nas últimas décadas.

A palavra *megalítico*, ela própria, abrange, pelo menos, seis acepções distintas:

1. monumento funerário, individual ou colectivo.

2. monumentos de simbologia relacionada implícita ou explícitamente com a fecundidade mas de morfologia idêntica: menhires isolados e cromlechs.

3. conjunto organizado de ritos transcrevendo uma opção mítica com prescrições bem diferenciadas: enterramentos em certo tipo de monumentos, importância da Deusa-Mãe e da placa de xisto que a representa, definição da colecção de oferendas votivas, tumulações e retumulações, papel da fecundidade.

4. povoado pertencente aos construtores de megálitos

5. povo ou povos (ou melhor: *comunidades*) de pastores-agricultores unidos por ritos comuns

6. conjunto de materiais próprios destes últimos

É importante resolver pontualmente os problemas levantados por cada uma das acepções enumeradas. Se o mais simples é a análise da estrutura dos monumentos e, eventualmente, do *tumulus* (mamoá) e se não é o último ponto que levanta dificuldades particulares, outro tanto se não pode dizer das complexas superestruturas, ainda mal entrevistadas, a que se refere a 3.^a acepção. Quanto à 4.^a e 5.^a acepções, já Vera Leisner procurava um alargamento do con-

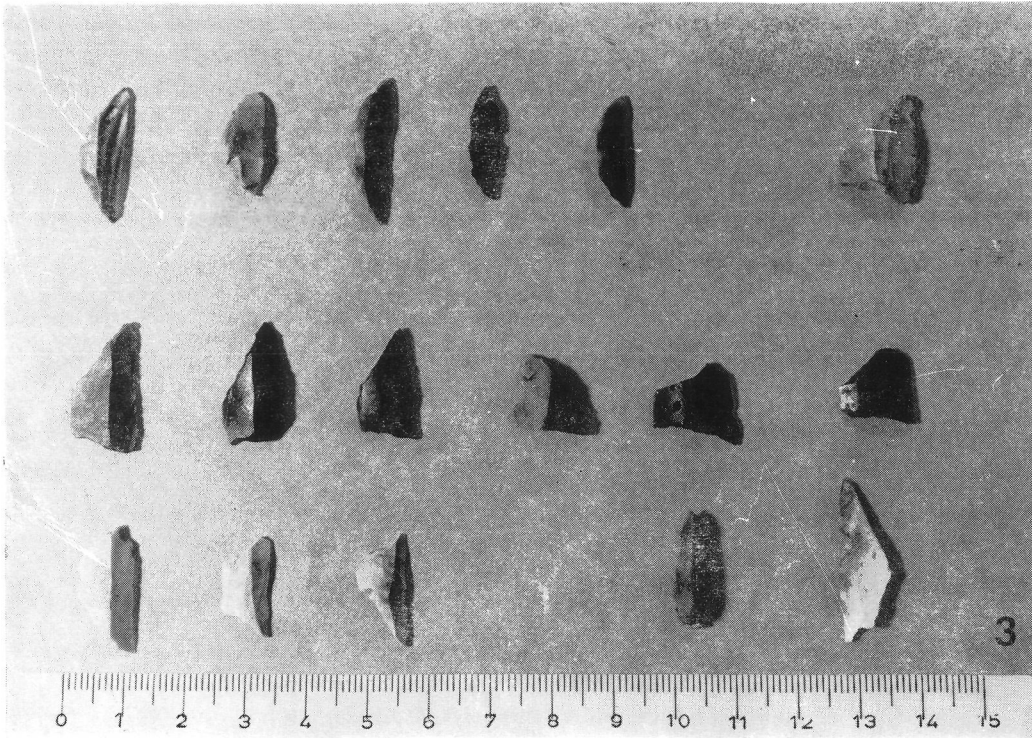
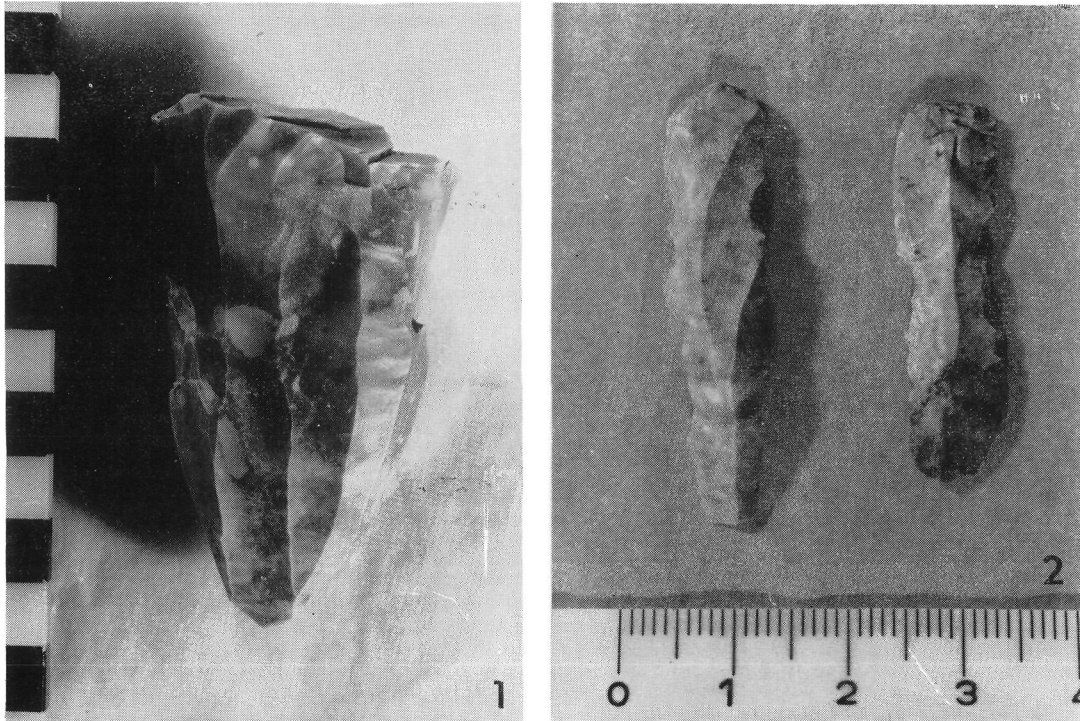
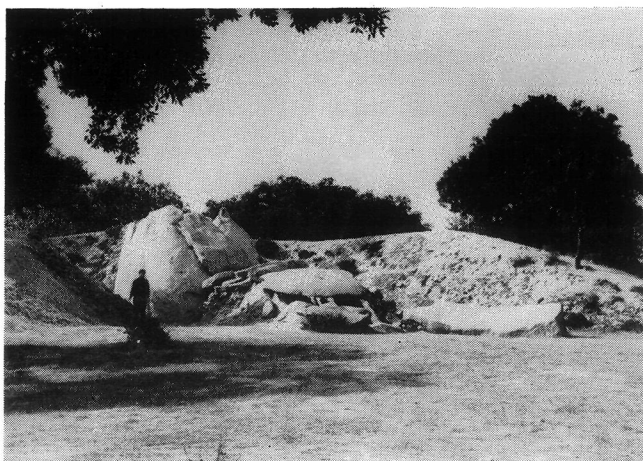
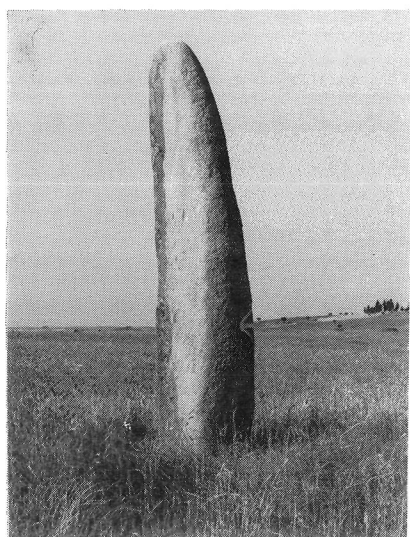


FIG. 6. Materiais das Bocas (Rio Maior). 1. Núcleo de plano preparado; 2. Lamelas com coches irregulares; 3. Geométricos.



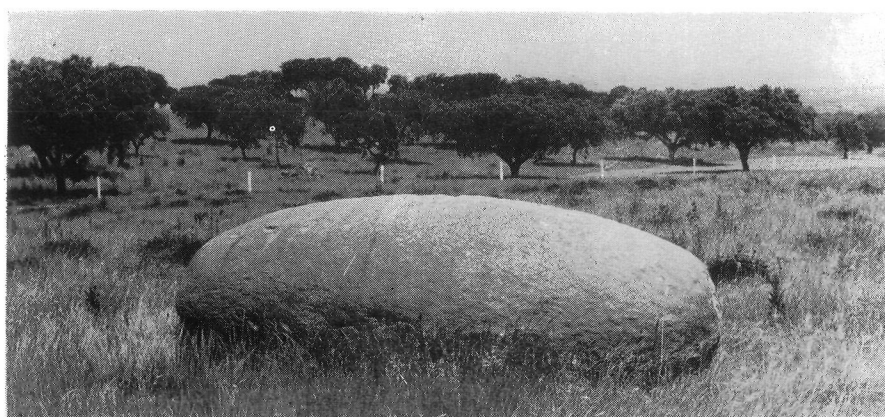
1



2



3



4

FIG. 7. Grupo dolménico Evora/Reguengos: 1. Anta Grande do Zambujeiro (Valverde, Evora). O maior monumento megalítico conhecido em Portugal. Os esteios medem, incluindo a parte enterrada, aproximadamente 8,20 m. Escavada por Henrique Leonor Pina, será em breve objecto de estudo. 2. Menhir do Outeiro. 3. Menhir da Bulboa. 4. Menhir derrubado não longe do cromlech da Portela de Mogos. Numa sua extremidade, à direita na fotografia, notam-se algumas fossettes.

ceito de forma a que agrupasse em si não apenas os construtores de antas mas, também, os que, pela mesma época, depositavam os seus mortos em grutas naturais e artificiais.

Alargamento que só funcionará, no entanto, após o estabelecimento das correlações entre povoados e necrópoles, de uma análise da própria estratégia do povoamento e do seu significado, de uma tentativa de compreender o cromlech, a anta e o povoado dentro da verdadeira estrutura da sociedade que os criou ou adoptou.

As recentes datações pela termo-luminescência, estando longe de serem pacíficas, vêm, afinal, reforçar essa metodologia prévia a discutir.

6. O «MEGALITISMO EM GRUTAS»: AS GRUTAS DA MARMOTA, GALINHA E CARRASCOS E O GRUPO DOLMÉNICO CRATO/NISA

A sexta acepção para a palavra «megalítico», que atrás aponteí, permite esta designação, aparentemente absurda mas de modo algum incorrecta. A reforçar, aliás, a convicção do carácter superestrutural do fenómeno megalítico, enquanto conjunto de prescrições rituais transcrito nos vestígios materiais que hoje estudamos.

As grutas da Galinha e dos Carrascos (não longe de Alcanena) foram descobertas e escavadas no início deste século, quase simultaneamente. Félix Alves Pereira e José de Almeida Carvalhais, funcionários do que viria a ser o Museu Nacional de Arqueologia, encarregaram-se dos trabalhos mas não da publicação. Esta, com efeito, só viria a ser feita, no caso da Galinha, em 1959, nas Actas do I Congresso Nacional de Arqueologia, numa notícia extremamente incompleta, e, no caso dos Carrascos, os materiais serão publicados no volume do *Arqueólogo Português* presentemente no prelo¹¹.

Quanto à Marmota, de cuja exploração e escavação sou responsável, continuam ainda es tra-

lhos, uma vez que aos depósitos funerários do Bronze e do Ferro inicialmente identificados¹², se vieram juntar outros em tudo idênticos aos artefactos neolíticos da Galinha e dos Carrascos.

Pela sua proximidade, as grutas da Marmota, Galinha e Carrascos, constituem, pois, uma unidade, completada pelos povoados neolíticos identificados na região. Os materiais das três grutas não são *exactamente* idênticos mas a sua sincronia cronológica e cultural não é de pôr em causa. A cerâmica agrupa-se quase toda ela nas formas que a fig. 8 exemplifica. O almagre é extremamente frequente, variando apenas a intensidade da camada cromática aplicada por recipiente. Não existem na Marmota e na Galinha formas decoradas, o que já não acontece nos Carrascos, que deve incluir, no conjunto das suas sepulturas, algumas assimiláveis aos grupos do neolítico antigo que devem também ter existido na região.

Placas de xisto, antropomórficas ou decoradas com motivos geométricos, alfinetes com cabeça pos-tiça, lâminas, lamelas, micrólitos, artefactos de pedra polida (machados e enxós), contas e pingentes de xisto e «calaíte», constituem, tal como as placas não ornamentadas em grés, um conjunto extremamente importante, não apenas pelas suas características intrínsecas como pelas comparações possíveis com um dos grupos dolménicos portugueses menor conhecidos, apesar da sua extensão e consistência: o de Crato/Nisa.

Parcialmente publicado por Agostinho Isidoro¹³ o grupo Crato/Nisa revelou um conjunto de materiais surpreendentemente semelhante ao das grutas da Marmota e da Galinha. Tais semelhanças encontram-se (a) nas pontas de flecha de base triangular, contrastantes com a tradição «sulista» da base cônica (b) nos objectos de adorno pessoal, contas, pingentes, etc. (c) na pedra polida (d) nas placas de xisto, que incluem exemplares raríssimos e no entanto comuns aos grupos em análise. (e) nas placas de grés (f) nas formas cerâmicas, com excepção, sujeita ainda a verificação, para o caso do almagre.

¹¹ Sobre a Gruta (ou Lapa) da Galinha: M. CRISTINA MOREIRA DE SÁ: *A Lapa da Galinha*, Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia, I, Lisboa, 1959, pp. 117-146. Sobre os Carrascos publicar-se-á *Considerações sobre os materiais neolíticos da Gruta dos Carrascos*, de Victor dos Santos Gonçalves e Ana Ramos Pereira (*Arq. Port.*, vol. VII, 1978).

¹² VÍCTOR DOS SANTOS GONÇALVES: *Uma nova necró-*

pole da Idade do Bronze: A Gruta da Marmota, Arqueólogo Português, série III, vol. VI, Lisboa, 1972, pp. 213-218.

¹³ Agostinho Isidoro publicou numerosos materiais provenientes de escavações no Grupo Megalítico Nisa/Crato. Ver, entre outros, *Escavações em dolmenes do conchelo do Crato (Alto Alentejo)*, Porto, 1970, 1971.

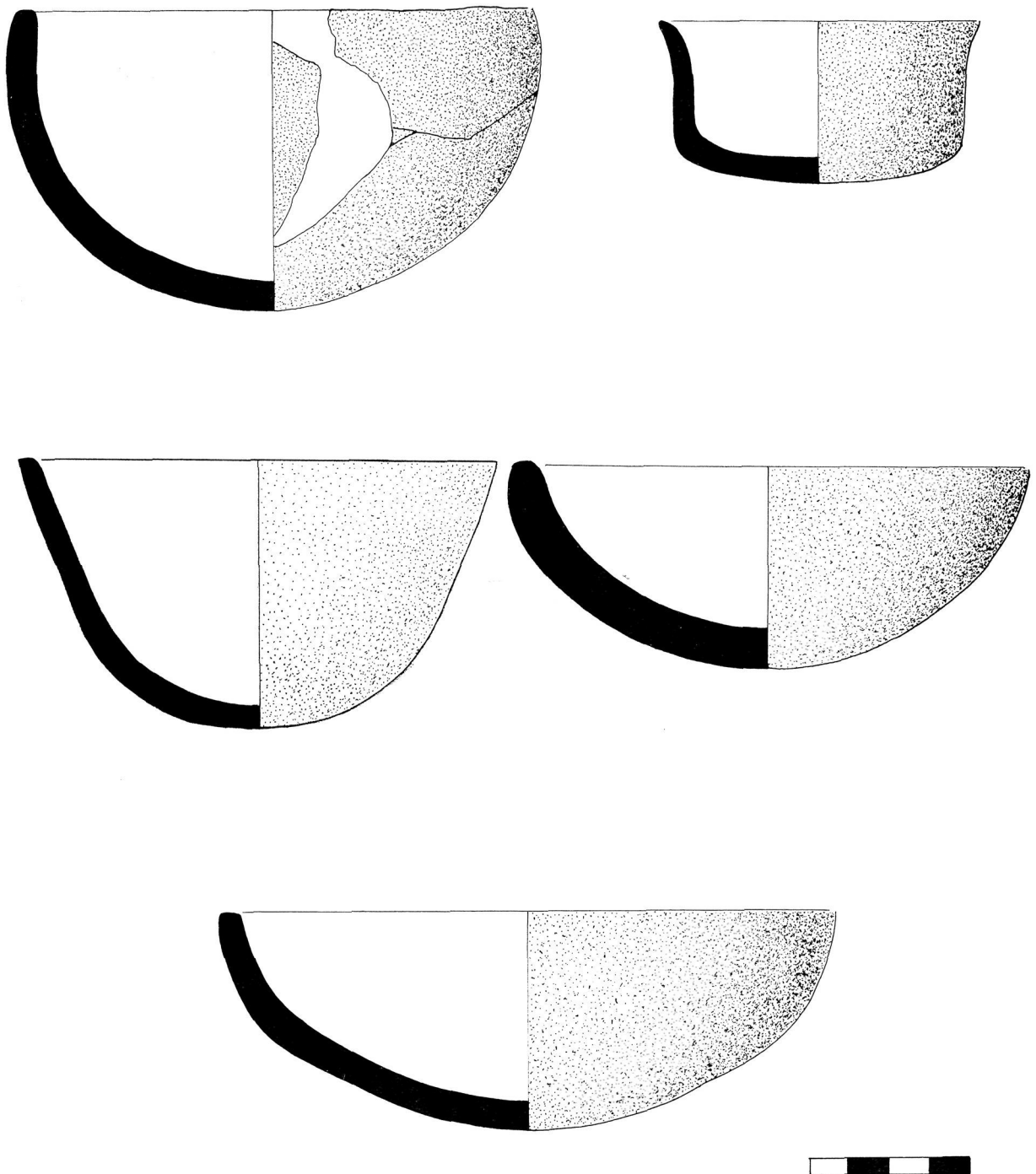


FIG. 8. *Cerâmica da Lapa ou Gruta da Galinha, idêntica nas suas formas principais à da Gruta da Marmota (Alcarenena).*

A placa de xisto, decorada com motivos antropomórficos ou geométricos é, como se sabe, um dos indicadores do megalitismo. Mas a descoberta de antas com enterramentos sem placas e, sobretudo, o caso da Anta Grande de Zambujeiro¹⁴, cuja publicação Henrique Leonor Pina prepara, vem evidenciar a existência de um período megalítico *sem placas*. Tal constatação permite a formulação de alguns dos mais interessantes problemas do neolítico peninsular. O seu tratamento automático, por computador, que neste momento preparo, poderá, talvez, elucidar alguns pontos obscuros do megalitismo, tal como ele evoluiu na parte mais ocidental da Europa. No caso presente, a clássica dúvida sobre a anterioridade da placa antropomórfica sobre a geométrica, dúvida que não me parece já sustentável, vem permitir interessantes leituras sobre a crença, comum já no Neolítico Antigo «de Grutas», de um «princípio feminino» ou de uma «Deusa-Mãe». A evolução da sua iconografia, que parece terminar com as placas de xisto, indica-nos o fluir das crenças e convicções «religiosas» a nível das comunidades de pastores e agricultores do Ocidente peninsular. Neolítico médio, sem dúvida, para Marmota, Galinha e, em parte, para os Carrascos, tal como para o Grupo dolménico Crato/Nisa. Mas não será difícil falar de enterramentos do Neolítico Antigo neste contexto longo no espaço e no tempo. O que apenas se poderá esclarecer após a datação sistemática de *todos* os enterramentos (e não apenas de *alguns*) das zonas em questão.

7. A QUESTÃO DA CRONOLOGIA

As datações absolutas que possuímos para as fases mais antigas da cultura megalítica portuguesa são extremamente escassas. O quadro abaixo resume-as

Anta 1 do Carapito

Anta 1 do Poço da Gateira

¹⁴ DE HENRIQUE LEONOR PINA, uma nota fundamental: *Novos Monumentos Megalíticos do Distrito de Évora*, Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia, Coimbra, 1971, pp. 151-161 e edição (aumentada) em língua alemã: *Cromlechs und Menhire bei Évora in Portugal*, Madrider Mitteilungen 17, Heidelberg, 1976, pp. 9-20.

¹⁵ Ver de VERA LEISNER e LEONEL RIBEIRO: *Die Dolmen von Carapito*, Madrider Mitteilungen, 9, Heidelberg, 1968, pp. 11-62.

¹⁶ Ver o estudo inovador de WHITTLE e ARNAUD:

Anta 2 dos Gorginos

Anta Grande da Comenda da Igreja

Anta 1 da Farisoa

—2900 ± 40 (C 14)¹⁵

—4510 ± 360 (T L)¹⁶

—4440 ± 360 (T L)

—3235 ± 310 (T L)

—2405 ± 260 (T L)

Não cabe aqui recordar a necessidade de calibração para o C14 ou as reservas com que se devem receber algumas datações T L, uma vez que a termoluminescência não está ainda suficientemente testada entre nós para que as correlações sejam tranquilas¹⁷. Mas não será possível subestimar a importância do método e o significado da sua aplicação. Quere apenas recordar o óbvio: um monumento megalítico, sendo um sepulcro colectivo, inclui oferendas fúnebres que podem estar, nalguns casos, distanciadas séculos, senão milénios, dos construtores do monumento, por vezes sistematicamente reutilizado, com ou sem destruição das inumações anteriores. Daí a necessidade de datar *todos* os conjuntos e só após isso (e mesmo assim criticamente) fornecer a datação final.

Todas as datações por termoluminescência referem-se a monumentos pertencentes ao que designo por *grupo megalítico Évora/Reguengos*, cujos materiais foram publicados na sua esmagadora maioria por Georg e Vera Leisner no seu livro *Antas de Reguengos de Monsaraz* (Lisboa, 1951), visão a actualizar com os elementos fornecidos pela escavação da Anta Grande do Zambujeiro (Ver fig. 7, n.º 1). Mas uma questão continua a pôr-se: *datar o quê?*

Só novas escavações poderão esclarecer os conjuntos a que correspondem estas datas, cujo único papel parece ser, hoje, a definição de um carácter extremamente antigo para as primeiras fases do megalitismo português (o que, aliás, já era esperado).

Thermoluminescent dating of neolithic and chalcolithic pottery from sites in Central Portugal, Archaeometry, 17, Londres, 1975, pp. 5-24. O Autor do presente trabalho não compartilha, porém, alguns dos pontos de vista enunciados, aliás com prudência, sobretudo no que se refere à origem do Grupo Megalítico de Montemor e às fases do megalitismo propostas.

¹⁷ Um resumo acessível: STUART FLEMING: *Dating in Archaeology*, J. M. Dent & Sons, Ltd., Londres, 1976.

8. PARA UM PROGRAMA DE ESTUDO DO NEOLÍTICO EM PORTUGAL

Obviamente que só um trabalho de colaboração em moldes pluridisciplinares e transdisciplinares poderá conduzir a resultados sólidos.

Nos domínios mais propriamente arqueológicos há que

1. definir os conjuntos específicos do Neolítico Antigo

2. inventariar os conjuntos «megalíticos» através

2.1. do isolamento dos grupos megalíticos a nível geo-ecológico

2.2. da identificação dos tipos de construção dos monumentos e da sua sequência interna

2.3. do elaborar de tipologias

2.4. do seu controle por modelos previamente testados

2.5. da tentativa de reconstruir os ritos fúnebres

2.6. de datações sistemáticas pelo carbono 14 e pela termoluminescência

2.7. do estabelecimento de correlações eficazes entre os povoados e as necrópoles.

3. procurar definir rigorosamente o significado das termos Neolítico «Antigo», «Médio» e «Recente» e completá-los com fases técnicas e/ou estratigráficas que forneçam leituras mais precisas

4. integrar a evolução do Neolítico português no processo de Neolitização do Mediterrâneo Ocidental.

Só após completadas estas tarefas prioritárias poderemos estar mais próximos do que foi, na fachada atlântica da Península Ibérica, o complexo processo de transformação das últimas economias de recolecção em economias de produção e o ainda mais complexo processo que presidiu a uma evolução interna rica e pluriforme.